

# Grande ABC mantém 474 pacientes em cuidados paliativos

Rede de saúde da região oferece tratamento humanizado, escolhido pela influenciadora Isabel Veloso, para doentes sem perspectiva de cura

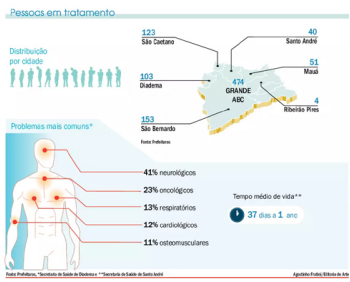
TATIANE PAMBOUKIAN  
tatiane.pamboukian@diarioabc.com.br

O Grande ABC possui 474 pacientes em cuidados paliativos, nome dado ao tratamento humanizado que tem como objetivo levar conforto no tempo de vida restante a enfermos sem perspectivas de cura. A abordagem é aplicada quando o paciente possui doenças que ameaçam a continuidade da vida, como insuficiência cardíaca, hepática e renal em estágio avançado e sem possibilidade de transplante, câncer, doenças pulmonares e problemas neurológicos degenerativos, como o Alzheimer e Parkinson e a ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica).

A divisão dos problemas de saúde dos pacientes em cuidados paliativos é, segundo a Secretaria de Saú-

de de Diadema, 41% neurológicos, 23% oncológicos, 13% respiratórios, 12% cardíacos e 11% osteomusculares. De acordo com a Patra de Santos André, o tempo médio de vida varia entre 37 dias e um ano, mas há pessoas que chegam a viver por muitos anos neste cenário. Coordenadora do SAD (Serviço de Atenção Domiciliar) de Diadema, a enfermeira Ana Paula Mariano de Souza Sorce destaca que no cuidado paliativo é feito o manejo dos sintomas e a equipe permite que a enfermidade evolua naturalmente, sem acelerar ou adiar o processo de fim de vida. Dessa forma, a morte ocorre no seu tempo e o paciente morre com dignidade e sem dor. "Avaliamos cada situação para montar um projeto

de tratamento das dores físicas, psicológicas, espirituais e sociais. Se o paciente não está em uma fase muito avançada ou aguda, avaliamos se há estabilidade para ir para casa e a medicação é ajustada para garantir conforto no domicílio ao lado da família e uma maior qualidade de vida e, por que não, de morte", define a enfermeira. Há 16 anos atuando no cuidado paliativo, Ana Paula ressalta o quanto gratificante é a experiência e destaca lições que trouxe para sua vida pessoal. "No fim da vida, as pessoas têm sempre os mesmos arrependimentos. Os pacientes dizem que deveriam ter brincado mais com o filho, dito mais te amo, pedido perdão. O importante é o que vivemos e as memórias criadas. Por isso, quando o paciente tem



possibilidade, por uma remissão da doença ou controle dos sintomas, incentivamos que ele possa viver bons momentos e realizar os sonhos", conta. Foi o que fez a influenciadora digital Isabel Veloso, que morreu no dia 10, aos 19 anos. Desde os 15 ela enfrentava um linfoma de Hodgkin, tipo de câncer que afeta o sistema de defesa do organismo. Em um momento de remissão da doença, a jovem decidiu realizar sonhos no tempo de vida que ainda tinha. Viajou, casouse, com direito a grande festejo e teve um filho. Essa intensidade resultou em julgamentos e questionamentos sobre a veracidade de seu estado de saúde na internet.

"Isabel é uma paciente paliativa desde o dia que descobriu a doença e ela teve momentos em que a doença regrediu. Sabe dos riscos e escolheu não ficar em uma cama esperando o fim da vida. A polêmica surgiu pelo desconhecimento sobre o que é o cuidado paliativo", afirma Ana Paula. A médica coordenadora dos Cuidados Paliativos do Complexo de Saúde de São

Bernardo, Eliane Haider, explica que ser paciente paliativo não é sinônimo de fim de vida ou morte iminente. "É senso comum associar este tipo de cuidado a uma pessoa debilitada, muito emagrecida, fragilizada e se despedindo dos entes queridos e isso não corresponde à realidade", explica. "É possível ser um paciente em cuidado paliativo e a pessoa continuar trabalhando, realizando as atividades domésticas cotidianas, se exercitando, vivendo a vida dentro de alguma normalidade", acrescenta a médica.

## Intervenção deve iniciar no momento do diagnóstico

Os cuidados paliativos são introduzidos desde o início do diagnóstico. Isso permite que o paciente tenha tempo para realizar projetos, ajustar expectativas e tomar decisões de forma consciente. "O paciente tem liberdade para decidir o que quer fazer e é o protagonista da sua história. Esclarecemos os riscos, oferecemos o suporte, mas como profissionais não podemos impedir. Buscamos levar um alívio que ele quer consumir ou dar uma volta no parque para proporcionar momentos de alegria", esclarece a coordenadora do SAD (Serviço de Atenção Domiciliar) de Diadema, a enfermeira Ana Paula Mariano de Souza Sorce.

A profissional diz que, principalmente em casos de doenças degenerativas, a intervenção precoce é fundamental. Com o avançar da doença, o cognitivo do paciente vai ser afetado e as decisões ficarão a cargo da família, como ocorre em casos de Alzheimer. Em outras enfermidades, a consciência se manterá, mas a possibilidade de comunicação pode se perder com o tempo. "A ELA (Esclerose Lateral

Amiotrófica) é uma das doenças mais crônicas, pois a evolução é lenta e o paciente vai perdendo a capacidade de se movimentar, depois a de falar e, por fim, a de respirar sozinho. Mas termina por perder o cognitivo. Ele tem consciência de tudo", explica Ana Paula. "Por isso, abordar o cuidado paliativo desde o diagnóstico é importante para que o paciente participe das decisões sobre seu tratamento. Explicamos possibilidades de avanço, o que vai acontecer, tempo de vida, para que o processo seja menos difícil, mais leve, e o paciente decida o que deseja. É um grande desafio quando o paciente chega tardiamente, já no fim de vida", finaliza. **TP**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 1